

## Associação Nacional de História – ANPUH

### XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

#### Uma nova forma de pensar e educar: a escola única em Portugal no início do século XX

Luiz Carlos Barreira\*

**Resumo:** Este trabalho destaca aspectos do movimento de renovação educacional em Portugal no início do século XX, especialmente as contribuições de Adolfo Lima sobre a escola única, tema amplamente debatido naquele período, não apenas em Portugal, mas também em muitos países do mundo ocidental. Essa escola, de acordo com os seus propugnadores, deveria atender a todos os segmentos da sociedade, independentemente de sua origem social, e visar à superação da divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual, entre teoria e prática. Ela também seria, segundo Adolfo Lima, a resposta científica “ao grande mal” que fomentava o ódio e o desprezo entre os indivíduos, produzindo ondas de violência que se manifestavam de diferentes formas, como a guerra. Os fundamentos dessa escola, tal como foram concebidos e divulgados por Adolfo Lima, constituem o foco deste trabalho.

**Palavras-chave:** Escola única – Adolfo Lima – Portugal.

**Abstract:** This paper points out aspects of the movement of educational renewal in Portugal of the early 1900s, especially Adolfo Lima’s contributions on the progressive school, subject thoroughly discussed in that period, not just in Portugal, but also in many countries of the western world. In agreement with their defenders, that school should assist all segments of society, independently of their social origin, and to aim to the disappearance of the division between manual and intellectual labor, and between theory and practice. It also would be, according to Adolfo Lima, the scientific answer to “the great evil” that fomented the hate and the contempt among people, producing waves of violence that are showed in different ways, like war. The foundations of that school, just as they were conceived and published by Adolfo Lima, constitute the focus of this paper.

**Keywords:** Progressive School – Adolfo Lima – Portugal.

#### **Introdução**

Ao discorrer sobre as principais características de uma escola que era então apresentada como “única”, Adolfo Lima<sup>1</sup> evidencia o surgimento de uma nova forma de

---

\* Universidade de Sorocaba – Uniso, Bacharel em História e Doutor em Educação (História da Educação).

<sup>1</sup> Anarquista e um dos principais representantes do movimento escolanovista em Portugal, Adolfo Lima nasceu em Lisboa em 28/05/1874. Formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra, mas foi no magistério que se destacou. Foi professor da Escola Oficina Nº. 1, do Liceu de Pedro Nunes e da Escola Normal Primária de Benfica, todas elas em Lisboa. Foi também diretor da Escola Normal Primária de Benfica e da Biblioteca-Museu do Ensino Primário, adstrita a essa escola. Faleceu em Lisboa em 27/11/1943.

pensar e educar em Portugal nas primeiras décadas do século XX. Além disso, contribui significativamente para o reconhecimento do grau de aproximação e de distanciamento então existentes entre práticas político-ideológicas voltadas para a formação do ser social, como a de anarquistas e maçons<sup>2</sup>, por exemplo, bem como os fundamentos teóricos dessas práticas.

Nos três primeiros artigos que publicou na revista *Educação Social*<sup>3</sup> sobre o assunto, Lima (1924a, 1924b, 1925a) discorre sobre a orientação, a organização, o funcionamento e o método pedagógico da escola única. Porém, é no último artigo que publicou nessa mesma revista (1925b), que ele apresenta o que considerou serem as principais características desse novo tipo de escola, comentadas a seguir.

### **Orientação pedagógica de natureza sociológica**

Adolfo Lima parte do pressuposto segundo o qual o ser humano é um animal social e, como tal, deve ser criado e educado. Por instinto, o ser humano agrega-se. Pela educação e pelo ensino (consciência e ciência), torna-se um ser sociável. Para tanto, deve ser educado integralmente, sob o aspecto subjetivo, aproveitando-se e aperfeiçoando-se todas as suas energias (fisiológicas, estéticas, mentais e sociais), e objetivo, dando-lhe conhecimento de todas as ciências e artes, de sorte a adquirir uma visão global da vida, da natureza. Segundo Lima, “toda a obra de Educação e de Ensino deve (...) ter sempre presente este caráter, e todos os conhecimentos de todas as ciências e artes devem subordinar-se a este critério” (LIMA, 1925b:47-48).

Assim, “a uma pedagogia de base exclusivamente psicológica deve seguir-se uma pedagogia de ideal e preparação sociológica” (LIMA, 1925b:48). Entretanto, Adolfo Lima não ignora os conselhos da psicopedagogia. Ao contrário, afirma ser necessário serem esses conselhos observados, de sorte a evitar “tudo que seja ensino prematuro, antes do momento fisiológico e psicológico em que toda a espécie de educação deve ter lugar” (LIMA, 1925b:48). Afirma, ainda, que se deve partir “dos centros de interesse que caracterizam os diferentes estádios da evolução da criança” (LIMA, 1925b:49), para que a escola (única) seja atraente e ativa.

---

<sup>2</sup> A Escola Oficina, onde Adolfo Lima lecionou e exerceu a função de diretor pedagógico, pertencia à maçonaria.

<sup>3</sup> Adolfo Lima foi diretor dessa revista ao longo de todo o seu ciclo de vida: de 10/01/1924 a 15/10/1927.

### **Escola ativa, ou seja, do trabalho atraente e consentido**

A escola única deve ser a escola do trabalho. Não do trabalho forçado, mas, sim, do trabalho atraente e consentido. De acordo com essa perspectiva, é no trabalho atraente e consentido que o verdadeiro e autêntico esforço faz-se presente. Nas palavras de Lima:

*(...) na escola atraente é que há (...) aquele esforço eminente e profundamente pedagógico, porquanto ele deriva das necessidades íntimas da criança, vem de dentro dela. Só este esforço, só a ação derivada da curiosidade, do interesse, da necessidade, é salutar, é forte, é dignificadora! Só as necessidades transformam a matéria em ação, criam as funções e desenvolvem os órgãos (LIMA, 1925b:49).*

Nesse sentido, o trabalho forçado estaria longe ser um esforço, por traduzir-se em um mero ato, fátigante, desmoralizador e, comumente, sem significação para o agente, que por ele se deixa levar.

Refuta-se, assim, o intelectualismo (a escola passiva), em todos os aspectos em que ele possa se manifestar. É-se partidário do ativismo (e dos grandes educadores da escola ativa), da ação vencedora, onde se crê estar o critério da verdade. De acordo com essa concepção, “a realidade das coisas só nos aparece na ação e por meio da ação” (LIMA, 1925b:49). Quer-se, assim, evitar “a abusiva e estéril tendência para uma educação pela educação, formalista, sem finalidade objetiva” (LIMA, 1925b:49).

### **Negação do intelectualismo e afirmação do profissionalismo**

Adolfo Lima não defende a “industrialização” da educação básica, entendendo por “industrialização” a profissionalização precoce da criança e do adolescente. No entendimento de Lima, “os mesmos argumentos pedagógicos e sociológicos que (...) levam a condenar o intelectualismo podem ser aplicados ao industrialismo, ou profissionalismo na Educação geral” (LIMA, 1925b:50). Entretanto, Lima prefere este àquele e justifica essa sua preferência buscando respaldo em Dewey, Haeckel, Kant e Comte. É da doutrina deste último, entretanto, que extrai o significado que atribui à “industrialização” da educação básica. De Comte, cita a seguinte passagem da sua *Teoria das Épocas da Civilização*: “a Educação do indivíduo, quer espontânea, quer mais ou menos sistemática, reproduz, necessariamente, nas suas grandes fases sucessivas, a educação da espécie, tanto no que respeita aos sentimentos como às idéias” (COMTE *apud* LIMA, 1925b:50-51). E conclui:

*O homo faber, o ser humano industrial [e não industrial], transformador e adaptador da matéria em seu proveito, é o resultado das necessidades, que são a essência que caracteriza a natureza humana. A indústria, no seu mais lato significado, é a primordial ocupação, em todos os tempos, lugares e idades, do ente humano (LIMA, 1925b:51).*

### **Priorização da educação técnica**

A opção pela educação técnica dá-se por um duplo movimento: o da condenação, tanto da educação intelectualizada, quanto da educação “industrializada”, quando advogadas de forma exclusiva e unilateral. Émile Cohendy, em quem Adolfo Lima busca apoio, define educação técnica como “o ensino que tem, principalmente, por objeto o estudo teórico e prático das ciências, artes e ofícios, com o fim de preparar para as diferentes profissões” (COHENDY *apud* LIMA, 1925b:51).

De acordo com o sentido aqui atribuído ao termo, a escola única deveria ser “a escola do trabalho para o trabalho”, ou seja, deveria preparar e condicionar “a espontânea eclosão das aptidões, inclinações ou tendências particulares que distinguem os indivíduos, e que devem ser a base da escolha ou seleção profissional” (LIMA, 1925b:51).

O trabalho manual – como método ativo e realização da educação do trabalho pelo trabalho – tem grande importância no regime da escola única. Para caracterizar a relação entre trabalho intelectual e trabalho braçal, Lima cita o seguinte trecho de um artigo publicado na revista *L'Éducation*, cuja autoria não é por ele revelada: “Cada parte do ensino é o trabalho feito sobre uma matéria pela própria criança. O cérebro e a mão auxiliam-se naturalmente. Em parte alguma os dons do cérebro ou a atividade intelectual são considerados como superiores ao trabalho manual” (*L'Éducation* – Fev. 1923, *apud* LIMA, 1924b:58). Na avaliação de Lima, essas duas espécies de trabalho (o intelectual e o braçal) estariam separadas, ou, na melhor das hipóteses, não se conheciam. A escola única deveria visar à reunião dessas duas espécies de trabalho.

A implantação da escola única, em Portugal, possibilitaria a supressão das primeiras classes dos liceus e de todas as outras escolas que recrutassem crianças com menos de 15 anos, ou seja, as escolas voltadas para o ensino comercial e industrial a partir de então consideradas supérfluas. Por ser única, a existência de outras escolas paralelas careceria de sentido, sobretudo por algumas delas (os liceus, sobretudo) privilegiarem um ensino clássico, essencialmente teórico, e, outras (as comerciais e as industriais), praticarem um ensino precocemente profissionalizante. Na esteira de vários estudiosos da época, Adolfo Lima admitia, como regra geral, que “toda a especialização realizada antes dos 15 anos (...) [seria] prematura e antipedagógica, por conseguinte, sem base, e, até, irreparavelmente prejudicial” (LIMA, 1924b:56).

Destarte, ao lado de uma escola única, não poderiam existir escolas que oferecessem, separadamente, cursos de formação geral e cursos de formação especial.

Conhecimentos profissionais e gerais apresentavam-se, então, como saberes imprescindíveis à sobrevivência do homem no mundo moderno. Valores cívicos e morais deveriam ser agregados ao valor profissional. Uma educação integral, não fragmentária, deveria ser a marca distintiva de uma escola única. Uma educação que se realizaria, portanto, por meio do estudo teórico e prático das ciências e das artes ou ofícios, “com o fim de preparar os indivíduos para uma vida social intensa e fazer de cada um deles um autêntico valor social transformador das energias naturais em energias e utilidades sociais” (LIMA, 1924b:57).

### **O trabalho como princípio pedagógico**

A criança, segundo Adolfo Lima, deveria ir à escola, não para aprender, mas para trabalhar, pois “é por meio do trabalho que melhor se aprende, verdadeiramente se aprende” (LIMA, 1925b:52). A escola, ao invés de oferecer “conhecimentos já feitos”, deveria, portanto, “fazer trabalhar”, mas sem reduzir o trabalho a uma de suas duas dimensões constitutivas: a intelectual e a braçal. No trabalho, o esforço da criança que aprende é sinérgico, ou seja, “realiza-se em associação, é coletivo, é cooperativo, comum e de todos” (LIMA, 1925b:52). É, portanto, social. E assim sendo, cria a solidariedade, que é, segundo Lima, o fundamento da moral e da justiça (LIMA, 1925b:52). Ao executar um trabalho (completo e perfeito) de utilidade social, a criança é educada no emprego útil das suas energias.

A criança “deve ser entregue aos sucessivos centros de interesse que brotam dela através das fases do seu desenvolvimento” (LIMA, 1925b:53). Ela não é e não pode ser tomada, entretanto, como se já fosse um profissional. Ela joga, brinca com as profissões. Oficinas, ateliês, laboratórios, gabinetes de trabalho devem ter, portanto, materiais apropriados à sua idade e força física. A intensidade e a duração dos trabalhos que executa deverão sempre estar em harmonia com as suas energias. Na escolha de certos trabalhos, ela manifestará a sua inclinação por este ou aquele tipo de trabalho. As obras que executa quase sempre revelam suas aptidões (manuais, intelectuais, ou artísticas). “É no e pelo trabalho executado que ela aprenderá as várias noções, adquirirá conhecimentos” (LIMA, 1925b:53).

As aulas “clássicas” devem desaparecer da escola única. “Cada aula é uma ambiência de trabalho, uma oficina, um *atelier*, um laboratório, etc., conforme a especialidade da ocupação, do estudo” (LIMA, 1925b:53). Devem ser concebidas, portanto, como “casas de trabalho”. A criança deve ser envolvida pela “atmosfera da casa”, ou seja, deve ser solicitada por tudo que a rodeia, pois “o próprio meio faz germinar a necessidade que provoca o esforço e a espécie de trabalho a executar” (LIMA, 1925b:54).

### **Escola modelar, mas não ajustada a figurinos**

A escola única deveria ser modelar, mas jamais ajustada a figurinos. Ajustando-se, perderia sua plasticidade. Antes, deveria evoluir e transformar-se constantemente, “de ano para ano, de mês para mês (...), conforme o condicionalismo mesológico do tempo e do espaço, sempre em evolução perfectível” (LIMA, 1925b:55). O seu padrão estaria “em nunca ser a mesma coisa, em não ser hoje o que foi ontem e não ser amanhã o que é hoje” (LIMA, 1925b:55). Deveria ser, portanto, “uma imagem da vida, visto que deve[ria] preparar para a vida, para essa vida social perfectível, que segue a linha espiróide do progresso humano” (LIMA, 1925b:55).

Para que esse objetivo pudesse ser alcançado, a organização da escola única deveria observar os seguintes princípios: a) “refletir, em ponto pequeno, a sociedade dos adultos” (p. 55); b) “retratar a vida social nas suas múltiplas ocupações” (LIMA, 1925b:55); c) “seguir e acompanhar a evolução e natural curva do desenvolvimento vital (fisiológico, estético, mental e social) do indivíduo humano” (LIMA, 1925b:56). Este último princípio parece ser aquele que melhor evidencia uma das principais marcas distintivas das práticas escolares da escola única, vistas da perspectiva apontada por Adolfo Lima.

Ao passar em revista as diferentes fases da vida social, nas quais a humanidade teria satisfeito as necessidades próprias de cada uma delas, a criança recriaria a história da alimentação, do vestuário, da habitação. E, assim procedendo, criaria o seu próprio museu pedagógico. Nas palavras de Adolfo Lima:

*(...) a realização da Escola Única não depende desta organização; mas nós julgamos que é esta organização escolar que deve ser o seu modelo, porquanto corresponde, mais do que qualquer outra, ao ideal pedagógico de que toda a Educação deve ser genética, funcional, dinâmica, social e sociológica (LIMA, 1925b:58).*

### **Considerações finais**

Por ser uma instituição social, a escola teria de obedecer “às leis naturais da evolução dos povos, seguindo e acompanhando irresistivelmente a sua marcha” (LIMA, 1924a:27). Entretanto, a apreensão dessas leis não estaria ao alcance do homem comum, que manifestava via de regra uma compreensão marcadamente teocrática, messiânica e autocrática do social. Mas estaria ao alcance do sociólogo, “que estuda essas leis e as vê” (LIMA, 1924a:27). Lima recorre, assim, à sociologia de Auguste Comte para compreender os propósitos da escola única. Segundo ele, somente “sob as vistas orientadoras e

desapaixonadas da Sociologia, que nos ensina e esclarece acerca dos fatores que determinam os modos de ser das sociedades e das suas tendências transformadoras”, é que a consciência da necessidade da implantação da escola única ganharia as mentes de todos os membros da sociedade (LIMA, 1924a:28).

Vista dessa perspectiva sociológica, a escola única seria a resposta científica para “o grande mal” que, naquela época, fomentava o ódio e o desprezo entre os indivíduos e, em consequência, produzia ondas de violência que se manifestavam de diferentes formas. A escola, “pela sua má orientação, pelo seu obstinado silêncio acerca da vida”, seria uma das instituições responsáveis pelo “fomento da insana guerra travada entre os seres humanos, mercê da sua diversificação em escolas, não segundo as aptidões naturais, mas conforme as classes sociais” (LIMA, 1924a:28). Assim, caberia à escola (única) combater a mentalidade que considerava estar, a humanidade, fragmentada em grupos sociais antagônicos<sup>4</sup>.

Na ótica de Adolfo Lima, uma das principais características da escola única seria, portanto, a completa abolição da “rivalidade” entre o ensino popular e o ensino burguês, “rivalidade”, segundo ele, fundada em preconceitos sociais e privilégios de classe<sup>5</sup>. A escola única submeteria “todos os seres a um tipo único de Educação geral, conforme as qualidades comuns a todos os seres de natureza humana” (LIMA, 1924b:55).

Por essa razão, a absoluta gratuidade teria de ser outra marca distintiva da escola única. A política de concessão de bolsas de estudos a alunos carentes, praticada em Portugal no período, não abrangia e nem satisfazia a todos, “visto que só excepcionalmente”, segundo Adolfo Lima, essas bolsas permitiam “valorizar as inteligências dos filhos do povo” (LIMA, 1924b:58). Concomitantemente a essa política de concessão de bolsas de estudos, Lima destacava a necessidade do estabelecimento da “plena gratuidade em todos os ciclos e espécies da educação”, para todos os indivíduos que provassem não ter condições de arcar com as despesas dos seus estudos (LIMA, 1924b:58)<sup>6</sup>.

Adolfo Lima encerra suas reflexões afirmando ter sido a criação das escolas únicas um dos acontecimentos mais fecundos da história da educação primária em Portugal,

<sup>4</sup> Duas fontes francesas fundamentam a posição de Adolfo Lima sobre a escola única: o trabalho de Pierre Dufrenne sobre a reforma da escola primária em França, intitulado “La Reforme de l’École Primaire”, e o trabalho de um grupo de pensadores franceses, denominado “Les Compagnons”, sobre um novo regime de educação, intitulado “L’Université Nouvelle”. Este último, publicado em dois volumes: o primeiro apresenta a doutrina e, o segundo, discorre sobre suas aplicações (Cf. LIMA, 1924a).

<sup>5</sup> Pierre Bovet, pedagogo da Escola das Ciências da Educação, de Genebra, em artigo intitulado “Escola Única e Escola Ativa: o exemplo da Áustria”, publicado na revista *L’Educateur*, em 02/06/1923, apresenta a posição de vanguarda da Áustria no que diz respeito à escola única, e faz uso das expressões “ensino popular” (Volksschule) e “ensino burguês” (Bürgerschule), que ele as atribui a Raschke (Cf. LIMA, 1924b).

<sup>6</sup> “A propos de l’ École unique”, artigo de autor não identificado, publicado no primeiro número da revista *L’Éducateur*, em 1924, é a fonte citada por Adolfo Lima sobre a questão, na qual busca suporte para as posições aqui assumidas.

atribuindo-lhe o seguinte significado: “É a Educação popular colocada, ao fim, no seu lugar, na sua honrosa missão. É a dignificação a que há muito tinha direito a Educação primária ou elementar” (LIMA, 1924b:59).

**Referências bibliográficas:**

LIMA, Adolfo. *A escola única*. In: **Educação Social**. Vol. 1, nº. 2. Lisboa: Empresa Literária Fluminense, 25 de jan. 1924a. Pp. 27-29.

LIMA, Adolfo. *A escola única*. In: **Educação Social**. Vol. 1, nº. 4. Lisboa: Empresa Literária Fluminense, 25 de fev. 1924b. Pp. 54-59.

LIMA, Adolfo. *A escola única*. In: **Educação Social**. Vol. 2, nº. 1 (25-26). Lisboa: Empresa Literária Fluminense, 15 de jan. 1925a. Pp. 19-23.

LIMA, Adolfo. *A escola única*. In: **Educação Social**. Vol. 2, nº. 2 (27-28). Lisboa: Empresa Literária Fluminense, 15 de fev. 1925b. Pp. 47-58.